

O despertar do Oriente Médio

Por Sonia Montañó

A conferência do *Fronteiras do Pensamento* teve como saudação musical a obra *Tema para filme* de Dimitri Cervo que, acompanhando de um quarteto de cordas, preparou o público para receber o cineasta iraniano Mohsen Makhmalbaf.

Com o tema *Cinema e primavera árabe*, o escritor e ativista pelos direitos humanos, diretor de *A Caminho de Kandahar*, iniciou sua conferência exibindo trechos de *Green Days*, filme que retrata a situação de violência vivida no Irã em 2009, dias antes das eleições presidenciais. “A maioria votou em outra pessoa, mas Mahmoud Ahmadinejad matou alguns, prendeu outros e se declarou vencedor”, contextualizou o conferencista. Conforme ele, as imagens captadas por celulares de diversos iranianos que circularam pelo mundo na web eram as primeiras imagens da primavera árabe.

Orientes Médio: riqueza e pobreza

Makhmalbaf citou uma frase de Dostoievski: “ô meu país rico, ô meu país pobre”, aplicando-a ao Oriente Médio. Rico porque é localizado sobre um mar de petróleo. Pobre porque as estatísticas de desemprego chegam a 40% dos jovens, muitos não têm casa, não têm alimentação adequada nem alfabetização. “Aonde vai o dinheiro do Petróleo? Na Líbia para mil famílias amigas do Gaddafi, no Irã para alguns reis e líderes religiosos e suas famílias, que gastam nos clubes do Ocidente”, disse.

Essa realidade não é nova no Oriente Médio, mas a primavera árabe foi provocada pelo encontro de três situações: o contraste pobreza-riqueza; o contraste do Irã berço de três civilizações com o analfabetismo; e as novas tecnologias ao alcance dos iranianos como YouTube e Facebook.

O cineasta chamou atenção diversas vezes para a postura errada do Ocidente em relação ao Oriente Médio. “O Ocidente parece preferir um ditador no comando porque vende petróleo barato e compra os produtos caros deles. Por isso indica Mobarak no Egito.” Ele lembrou que, depois que dois prédios caíram, os Estados Unidos invadiram dois países. “Será que buscavam a liberdade desses países?”, questionou.

Brasil, Irã, o mundo e a democracia

O conferencista disse o quanto o povo do Irã gosta do Brasil. As crianças iranianas sonham em jogar como Pelé e muitas delas vestem a camiseta da seleção brasileira. Quando Lula chegou à Presidência, despertou-se grande expectativa por sentirem que era alguém como eles que chegava ao poder. Contudo, foi uma grande decepção ver o presidente do Brasil abraçando Ahmadinejad. “Queríamos chorar. Perguntamos: por que ele abraçou nosso inimigo? Alguém que tem suas mãos sujas com o sangue dos nossos filhos. Nós gritávamos ao mundo ‘queremos democracia’ mas o mundo não nos respondia”, denunciou.

Ele lembrou que o presidente Obama, quando das eleições no Irã, não apenas não apoiou o povo, como também mandou duas cartas a Ahmadinejad dizendo que este podia fazer o que quisesse, uma vez que não haveria interferência dos Estados Unidos.

Os iranianos esperavam ajuda dos ocidentais, tinham expectativas muito simples, de pessoas sem sindicatos, sem partidos políticos, indivíduos separados mas que, com a internet, foram se juntando no meio da rua. “A internet juntou as pessoas. O Ocidente poderia nos dar internet sem fio, já que levou tanto petróleo do Oriente Médio. Nos dêem esse acesso à internet e nós cuidamos do resto. O Oriente Médio rico e pobre, culto e analfabeto, cheio de desemprego, mas conectado repentinamente, pegou fogo”, salientou. Mas Makhmalbaf questiona se esse fogo, essa primavera se limita ao Oriente Médio. “Primeiro Irã, Tunísia, Líbia, Síria, e depois Espanha, Itália, França”, lembrando que ele estava na Espanha quando começaram os tumultos. “Dezenas de jovens foram ocupar a praça em diversas cidades da Espanha e, quando perguntavam a eles o que queriam, diziam: ‘Democracia. Antes era Franco o ditador na Espanha, agora são os bancos os ditadores. Eles decidem com seu dinheiro quem deve governar. Pessoas que cometeram crimes estão se elegendo porque os bancos governam sobre nós e nós trabalhamos para pagar as dívidas ao banco’, me diziam os jovens espanhóis. Então, será que a primavera é do Oriente Médio ou do planeta Terra? Será que democracia é um lugar onde chegar ou um caminho a caminhar?”, insistiu.

Para Makhmalbaf, a democracia está mudando de pele, e precisamos alcançar uma democracia de nível mais alto.

Matar em nome de Deus

O cineasta relatou que aos 17 anos foi preso e assim permaneceu por cinco anos, amarrado a uma cama e torturado sob a monarquia pró-Ocidente que imperava antes da Revolução Iraniana em 1979. “Com a revolução islâmica, ficamos felizes e pensamos que ia acabar a tortura, mas meses depois tudo piorou. Prisões lotaram novamente. Se antes não me mataram por ser menor, os líderes religiosos matam meninas e meninos a partir dos nove anos. Se alguém beber, é amarrado e chicoteado. Se alguém for bahá’í, não tem direito a assistir à universidade. Então eles fundaram uma universidade, mas foram presos por isso. Os sufistas são presos, os cristãos são presos. Se um muçulmano disser que está cansado da violência e quer a paz, quer ser cristão para ter paz, ele é executado. Se alguém é jornalista e escrever uma frase do que estou dizendo é morto”, denunciou.

Mohsen Makhmalbaf encontrou-se com um vice-ministro da Itália que disse a ele: “O nosso coração está com vocês, mas o nosso bolso com o governo do Irã, porque temos negócios com ele. Se não negociarmos com Ahmadinejad, o nosso desemprego vai subir”, dizia o ministro. O cineasta destacou nesse exemplo como os governos também estão conectados. “Berlusconi chegou ao poder e não sai mais. Ele é outro Ahmadinejad, mas como está na Itália não pode matar. Contudo, por debaixo da mesa eles estão conectados”, disse.

Como surgiu o fundamentalismo?

No Irã, em nome de Deus, foram presas 15 mil pessoas, homens e mulheres que são estuprados nas prisões mantidas pelos líderes religiosos. Pessoas são executadas todos os dias. “Se são julgados, não têm advogado; se tiverem advogado, uma semana depois esse advogado é preso e depois sua família.” O conferencista lembrou que há hoje uma grande preocupação para com o fundamentalismo no poder, principalmente na Tunísia, e fez um rápido histórico para compreender como surgiram os fundamentalistas no Oriente Médio. “Quem fundou os talibãs? Há trinta anos não havia talibãs. A União Soviética atacou Afeganistão para chegar às águas do

golfo pérsico. O povo era pecuarista, cuidava de rebanhos. A União Soviética atacou um povo de pastores não muito alfabetizado. O Ocidente, do outro lado, mandou armas e deu dinheiro para os pastores combaterem os comunistas. Eles se tornaram guerreiros ‘santos’ que recebiam mísseis para abater helicópteros. Parte do dinheiro vinha do Irã e outra parte dos EUA. Quando a União Soviética saiu de lá, os pastores combinaram que iriam alternando na presidência a cada três meses. Mas o segundo que chegou ao poder não saiu mais, aí começou uma guerra civil com muitas mortes. Muitos fugiram do país e muitas crianças perderam os pais e fugiram para o Paquistão, que lhes dava comida e ensinava a ser fundamentalista. Estudaram o Corão e atacaram o Afeganistão, convertendo-o em islâmico. Essas crianças famintas que perderam os pais na guerra mataram, chicotearam e decapitaram quem não se submetia aos costumes muçulmanos, aí os EUA atacaram o Afeganistão”, explicou .

As raízes do fundamentalismo foram plantadas pelos governos que hoje são seus inimigos. O cineasta acredita que, se no lugar de atacar, tivessem sido criados empregos ou dada educação, muita coisa seria diferente.

Um mundo sem fronteiras

Para Mohsen Makhmalbaf, o povo do Irã está pronto para a democracia e, se todas as democracias do Ocidente ajudarem, será uma verdadeira primavera. “Se nós chegarmos à liberdade, temos muito mais possibilidades de fazer negócio com o Brasil e fazer amizade do que Ahmadinejad. Ele nunca será amigo do Lula, assim como o Hitler nunca seria amigo do Gandhi”, enfatizou o iraniano. Ele comparou a situação às notícias que recebe do turismo sexual no Brasil. “Quando leio que alguém viaja ao Brasil para turismo sexual com crianças, eu choro. Essas fronteiras vão sair de nossas cabeças e vamos ser todos da Terra”, disse. Ele lembrou o poeta iraniano cuja frase está na entrada das Nações Unidas: “A humanidade são membros de um mesmo corpo. Uma única pessoa com membros diferentes”.

Para encerrar, Mohsen Makhmalbaf disse que, justamente por ele ser cineasta, precisava falar sobre a situação do Irã, por fidelidade a todos os cineastas que estão ou serão presos. “O assistente de meus filmes agora está preso, condenado a seis anos de prisão e vinte anos sem fazer filme nem dar entrevista. É como dizer a um pássaro que não voe e a uma flor que não desabroche. Cinquenta cineastas foram levados à prisão. Apelo aos cineastas brasileiros que conhecem os cineastas iranianos a criarem alguma entidade do tipo cineastas sem fronteiras. Através do cinema ensinamos ao povo como pode ser um futuro melhor, para que a sociedade se veja e se corrija. Se o Irã não chegar à democracia, todos os países fundamentalistas vão se unir ao Irã e criar um novo polo único e teremos novamente cruzadas”, alertou.

Aplaudido de pé pela plateia, Mohsen Makhmalbaf, após finalizar sua conferência, respondeu algumas perguntas sobre as possibilidades de mudança do regime iraniano e as relações do Brasil e Irã, entre outras. “O voto do Brasil na ONU para que relatores investiguem as violações aos direitos humanos no Irã representa o voto de um grupo de países. O Brasil deve apoiar o povo do Irã porque senão o governo vai ficar envergonhado quando perguntado porque apoiou esse governo que torturava e estuprava o povo do Irã”, enfatizou.